“... Não faça do radar o seu trono de vaidade”.

Fui levado esta noite em vários templos, conhecer vários povos e seus responsáveis, saber o principio de toda esta organização. Sentei-me nestes radares para sentir os efeitos desta transformação, da humildade para a vaidade. Olhava para o templo, a figura de Seta Branca estava posta no altar, mas estava faltando algo dentro, amor, tolerância e humildade, o que se via era um povo acrisolado na superstição do medo, mandavam bater palmas e todos batiam, era uma espécie de reinado místico, mas por trás alguém estava se beneficiando, levando vantagens. Meu Deus! Eu via naquela imagem franciscana um objeto de desejos e não de evolução espiritual, eu via ali os césares e não os filhos do mesmo pai, eu via o orgulho de ser e não de servir, todos de sapatilhas de basto brilho já não tocavam mais o solo sagrado, eram carregados por escravos desejosos de estarem naquela mesma situação. Eu os via serem aplaudidos por um povo cego, surdo e incompreendido, mas que aceitavam a sua condição por temerem a repressão. Olhando para a imagem de Seta Branca ela estava escura, manchada, porque eram tantos os pedidos de riqueza ectoplasmática que aquela energia impregnou na sua estatua, fazendo escurecer as almas que nela acendem as suas velas de desejos de uma vida melhor. As palmas continuavam, idolatrias, eu já não me sentia mais a vontade, sai dali, são as velhas estradas voltando as suas origens neste limiar do terceiro milênio. Salve Deus! Adjunto Apurê – 24.03.2008